

## A dialética negativa de Theodor Adorno contra o idealismo absoluto de Hegel

### *La dialectique négative de Theodor Adorno contre l'idéalisme absolu de Hegel*

Cleudson de Jesus Rocha <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta e discute a crítica de Theodor Adorno ao idealismo absoluto de Hegel, contida na introdução à Dialética Negativa, focando nos argumentos adornianos contra o amordaçamento da dialética na positividade. Adorno considera que é na subversão da natureza afirmativa da dialética que se pode chegar a uma determinação que não seja mera abstração, mas que alcance definitivamente o filosofar concreto. Dividido em duas partes, o artigo inicia discutindo o trânsito da dialética afirmativa à dialética negativa e depois de apontar os principais pontos de objeção ao idealismo hegeliano, alcança, na segunda parte, o principal fundamento da Dialética Negativa que é a aposta em uma lógica do não-idêntico. Finaliza destacando o aspecto prático da proposição adorniana, que consiste em uma filosofia que não cultive a dicotomia teoria x práxis, pois que a práxis é compreendida como o território, não apenas dos fazeres, mas também do pensamento, que institui realidade aos fatos sociais.

**Palavras-chave:** Dialética Negativa. T. W. Adorno. Idealismo alemão. Teoria crítica. Hegel.

**Resumée:** Cet article présente et discute la critique de Theodor Adorno de l'idéalisme absolu de Hegel, contenue dans l'introduction à la dialectique négative, en se concentrant sur les arguments adorniens contre le emprisonnement de la dialectique dans la positivité. Adorno considère que c'est dans la subversion de la nature affirmative de la dialectique qu'il est possible de parvenir à une détermination qui n'est pas une simple abstraction, mais qui atteint définitivement la philosophie concrète. Divisé en deux parties, l'article commence par discuter du passage de la dialectique affirmative à la dialectique négative et après avoir souligné les principaux points d'objection à l'idéalisme hégélien, il atteint, dans la deuxième partie, le fondement principal de la dialectique négative qui est le pari d'une logique de non-identité. Il conclut en soulignant l'aspect pratique de la proposition adornienne, qui consiste en une philosophie qui ne cultive pas la dichotomie théorie x praxis, puisque la praxis est comprise comme le territoire, non seulement des actions, mais aussi de la pensée, qui établit la réalité des faits sociaux.

**Mots-clés:** Dialectique négative. T. W. Adorno. L'idéalisme allemand. Théorie critique. Hegel.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal do Acre. Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho com pós-doutorado pelo Programa Pesquisador Colaborador na FFLCH/USP (2018-2019). Líder do Grupo de Estudo em Fundamentos Sócio-Históricos e Filosóficos em Educação (GESHFE/UFAC). E-mail: cleudson.ufac@gmail.com. Orcid: [orcid.org/0000-0001-7535-1110](https://orcid.org/0000-0001-7535-1110).

## Da dialética afirmativa à dialética negativa

A leitura da Introdução da Dialética Negativa parece apontar a um projeto filosófico que se constrói sobre a crítica ao idealismo alemão, sobretudo ao “idealismo absoluto” de Hegel. Isso que Adorno decide chamar de “dialética negativa” pretende ir além de uma dialética que, apesar de largamente desenvolvida na filosofia de Hegel, acabou, segundo Adorno, mitigada. É em razão disso que Adorno preocupa-se com posicionar-se historicamente, colocar-se contra a tradição filosófica da dialética afirmativa. Ele mesmo diz, no Prefácio, como que resumindo a história do desenvolvimento da dialética, que

a expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição. Já em Platão, ‘dialética’ procura fazer com que algo de positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação [aqui a referência é muito possivelmente a Hegel] denominou exatamente isso. (ADORNO, 2009, p. 7).

Ora, é tendo em vista esse suposto amordaçamento da dialética na positividade ou na superação da negação que Adorno redige o livro. Cito: “o presente livro gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação.” (ADORNO, 2009, p. 7).

O que está em discussão aqui é o fato de Hegel caracterizar a razão como “a identidade do sujeito e do objeto” (HEGEL, 2003, p. 80), formulação esta que resulta do seu longo envolvimento com a filosofia de Kant, em particular, com a ideia de dedução transcendental. A dedução visa mostrar que as categorias necessariamente utilizadas pelo sujeito pensante devem também se aplicar aos objetos do pensamento, que nos termos de Hegel, significa mostrar que há uma “identidade de sujeito e objeto”. Esta pretensa identidade que Hegel enxerga nas categorias e determinações de sujeito e objeto, é o que ele chama “razão”, condição necessária para a efetividade da cognição ou entendimento racional. As ideias sobre as coisas só se efetivam se suas determinações puderem ser reveladas e percebidas pelo pensamento. A defesa de Hegel é que a realidade só pode ser considerada racional se puder ser captada pela racionalidade. Dessa forma a razão é a fonte da cognição, cuja efetividade só pode ser obtida se as determinações constitutivas do pensar e do ser puderem ser articuladas. A principal tarefa da filosofia é, para Hegel, a articulação dessas determinações, sendo este o cerne do seu idealismo, que leva em conta que as determinações constitutivas do pensar são as determinações constitutivas dos próprios seres.

O fato de que as pessoas podem construir auto compreensões contraditórias sobre as coisas, corrobora a necessidade de que adotem o ponto de vista da razão, suspendendo suas pressuposições para se envolverem em um exame rigoroso sem pressupostos da verdade efetiva do ser. Este exame leva em conta a experiência do objeto, comparada à concepção deste mesmo objeto, buscando identificar discrepâncias entre estes dois momentos. Assim os pressupostos existentes são adequadamente revisados, dando origem a uma nova forma de consciência, onde a

contradição não tenha lugar, mas sim, a identidade entre um e outro polo. Diz Hegel, na Fenomenologia do Espírito:

A consciência, ao abrir caminho rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde se despojará de sua aparência: a *de* estar presa a algo estranho, que é só para ela, e que é como um outro. Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincide exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência, a consciência mesma designará a natureza do própria saber absoluto. (HEGEL, 2002, p. 73)

A forma inicial da consciência, que Hegel chama de “certeza sensível”, é definida no primeiro parágrafo da Fenomenologia do Espírito, nos seguintes termos:

O saber que, de início ou imediatamente, é nosso objeto, não pode ser nenhum outro senão o saber que é também imediato: *o saber do imediato* ou do *essente*. Devemos proceder também de forma *imediate* ou *receptiva*, nada mudando assim na maneira como ele se oferece, e agastando de nosso apreender o conceituar. (HEGEL, 2002, p. 74).

Esse momento inicial, da imediação da afirmação sobre um algo, é incompatível o que se almeja como conhecimento: a dialética hegeliana consiste na identificação da contradição entre o que a consciência afirma experimentar, e como ela afirma experimentar isso. Tudo o que a consciência pode experimentar imediatamente é “isto” que esta “aqui”, “agora”. Para experimentar qualquer coisa mais complexa que um objeto singular, a complexidade teria que ser unificada, mas tal unificação requeria um processo de mediação. Assim, desta etapa inicial, o processo de cognição avança do particular ao universal, delegando à consciência pensante, não apenas os acréscimos de entendimento sobre os objetos, mas sobre os avanços dela mesma, consciência, em ir-se modificando à medida que depura, racionalmente, sua experiência de tornar-se idêntica ao objeto em análise. Assim se inscreve as característica da dialética hegeliana, em seus momentos de afirmação, negação e negação da negação, que supera às contradições entre sujeito e objeto. É sobre este projeto identificante que Theodor Adorno se debruça em seu projeto de estabelecer uma dialética negativa.

O título *Dialética Negativa* é, nesse sentido, paradoxal. O estabelecimento de algo de positivo por meio da negação (como queriam Platão e Hegel) era, segundo suas filosofias, o único meio possível de determinação do mundo. Uma *dialética negativa*, do ponto de vista de suas filosofias, redundaria na vacuidade do pensamento. Assim, Adorno pretende mostrar que é justamente na subversão da natureza afirmativa da dialética que se pode chegar a uma determinação que não seja mera abstração (como em Hegel e Platão), mas que alcance “definitivamente o filosofar concreto.” (ADORNO, 2009, p. 8) Com efeito, se a filosofia desde sempre se fundamentou numa dialética afirmativa, a *dialética negativa* necessariamente desenvolve uma crítica ao conceito de fundamento e ao primado do pensamento do conteúdo, este a que se pretendia chegar quando se estabelecia algo de positivo por meio da dialética.

Ainda que Adorno tenha destacado que não existe nenhuma continuidade entre seus trabalhos anteriores e a *Dialética Negativa*, parece oportuno lembrar que, já na *Dialética do Esclarecimento* (1985) o filósofo destacara como a dialética, aos moldes hegelianos, fora absorvida no interior da sociedade burguesa, na medida em que a Ideia, isto é, a forma pela qual o espírito se efetiva, encarnou-se nas pessoas e instituições dessa sociedade. Para indicá-lo, Adorno e Horkheimer nos disseram, no prefácio à *Dialética do Esclarecimento* que:

Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto de encarnação de sua Ideia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional mas, do mesmo modo, a figura que esta assume na realidade efetiva. (ADORNO, 1985, p. 14).

Se na *Dialética do Esclarecimento* destacava-se uma crítica à formação, à *Bildung* que absorve a dialética, na introdução à *Dialética Negativa* destaca-se a crítica à própria filosofia da época. Adorno preocupa-se, assim, em fornecer um diagnóstico filosófico à filosofia. Com efeito, se a história da filosofia nos legou apenas abstrações, e se na filosofia contemporânea apenas se insinuou a concretude, é preciso fazer uma crítica ao conceito de experiência filosófica. Assim, nessa espécie de “ontologia do presente” (para usar uma expressão de Foucault), Adorno se aproxima, ao menos na grandeza da pretensão, a Kant. No início da Introdução, ele nos diz:

A regressão da filosofia a uma ciência particular, imposta pelas ciências particulares, é a expressão mais evidente de seu destino histórico. Se Kant, segundo suas próprias palavras, tinha se libertado do conceito escolar de filosofia e passado para o conceito cósmico dela, a filosofia foi agora obrigada a regredir ao seu conceito escolar. (ADORNO, 2009, p. 12).

Não à toa, encaminhando para uma primeira conclusão da reflexão, Adorno nos diz que “o desencantamento do conceito é o antídoto da filosofia.” (ADORNO, 2009, p. 19) A referência aqui é muito possivelmente a Hegel, para quem o conceito molesta as representações. Em Hegel, não há conceitos, é preciso lembrar. Há **o conceito**, que, para o autor da *Fenomenologia do espírito* (é preciso dizê-lo, posto que Adorno fará uma crítica direta a essa obra), integra as representações do espírito (que, enquanto representação, não se sabe enquanto tal) numa unidade de autoconsciência. Nesse momento, o espírito descobre que as meras representações não eram universais, mas particulares. É na concordância do elemento universal do conceito com o conteúdo do espírito que se alcança, para Hegel, a sua verdade. É importante destacar aqui a ideia de concordância, ou adequação, porque Adorno fará uma crítica justamente a ela, como um elemento comum da tradição filosófica, em que os objetos entram na “norma tradicional da *adaequatio*”. (ADORNO, 2009, p. 12)

No idealismo alemão, sobretudo em Hegel, houve a promessa de a filosofia coincidir com a realidade, dar cabo da *adaequatio*, fazer o conúbio entre o par incestuoso forma e conteúdo. Essa promessa foi quebrada, donde a filosofia se viu

obrigada a criticar-se a si mesma. Nessa crítica, Adorno dá ênfase às empreitadas do idealismo alemão. Assim nos diz que

o que outrora, em relação à aparência dos sentidos e a toda experiência orientada para o exterior, percebia-se como simplesmente não-ingênuo tornou-se por sua vez, objetivamente, tão ingênuo quanto aqueles pobres formandos que Goethe recebera cento e cinquenta anos atrás e que se entregavam alegremente à especulação. (ADORNO, 2009, p. 11)

Esses formandos são Schelling e Hegel, talvez Fichte. E aqui Adorno faz uma comparação entre essas filosofias dos pretensos conceitos que apreendem a realidade e o capitalismo industrial tardio, que a tudo submete, inclusive a ciência, aos interesses das corporações.

Em face da sociedade dilatada de modo desmedido e dos progressos do conhecimento positivo da natureza, os edifícios conceituais nos quais, segundo os costumes filosóficos, o todo deveria poder ser alocado, assemelham-se aos restos da simples economia de mercado em meio ao capitalismo industrial tardio. (ADORNO, 2009, p. 11)

Nisso Adorno verá, em chave kantiana, a confusão entre o conceito escolar e o conceito cósmico da filosofia, confusão que faz com que as pretensões filosóficas tornem-se ridículas. Essa discrepância entre a filosofia e a realidade já estava em Hegel, que “sabia que essa não era senão um mero fator de realidade, uma atividade baseada na divisão do trabalho; com isso, ele a restringiu.” E Adorno completa: “a partir daí vieram à tona a própria limitação da filosofia e sua discrepância em relação à realidade.” Isso constituiu, segundo Adorno, “a tentativa frustrada de, com conceitos filosóficos, mostrar-se à altura do que é heterogêneo a esses conceitos.” Nisso, novamente Adorno compara sua empreitada com a de Kant. Tal como o filósofo de Königsberg perguntava-se pela possibilidade da filosofia enquanto metafísica dogmática. Após o colapso da doutrina hegeliana, é também preciso perguntar-se sobre a possibilidade da filosofia. Nas palavras do filósofo: “seria necessário perguntar-se se e como, depois do colapso da filosofia hegeliana, ela ainda é efetivamente possível, tal como Kant investigou a possibilidade da metafísica depois da crítica ao racionalismo.” (ADORNO, 2009, p. 12)

Para Adorno, há uma saída. Embora tenha havido uma absorção da filosofia pelo mercado, tem de haver a possibilidade de uma crítica. “A dialética”, escreve Adorno, “não deve emudecer diante de tal repreensão e da repreensão com ela conectada referente à sua superfluidade, à arbitrariedade de um método aplicado de fora.” (ADORNO, 2009, p. 12) O problema é justamente esse método aplicado de fora, que se dá no interior da norma tradicional da filosofia, que é a adequação. A contradição é importante, mas não é uma “essência heraclítica” como no idealismo absoluto de Hegel. O que ela é, então?

Deixo que Adorno responda: “Ela é o indício da não-verdade da identidade, da dissolução sem resíduos daquilo que é concebido no conceito. Todavia, a aparência da identidade é intrínseca ao próprio pensamento em sua forma pura. Pensar significa

identificar". (ADORNO, 2009, p. 12). Em outro trecho, Adorno nos diz, apresentando a necessidade da dialética, que

a contradição é o não-idêntico sob o aspecto da identidade; o primado do princípio de não-contradição na dialética mensura o heterogêneo a partir do pensamento da unidade. Chocando-se com os seus próprios limites, esse pensamento ultrapassa a si mesmo. A dialética é a consciência consequente da não-identidade. Ela assume antecipadamente um ponto de vista. (ADORNO, 2009, p. 12)

Para fazer ainda uma vez possível a filosofia, a saída consiste em pensar com conceitos abertos, que não dividam em partes a realidade nem deixem fora o que deveriam incluir. O pensamento deve desprezar a certeza e permanecer em uma constante busca de sentido. O pensamento não deve solidificar-se e todos seus conceitos têm de ser permeáveis. A *Dialética Negativa* postula um esforço do pensamento em ir além do conceito através do próprio conceito. Então, o pensar já é por natureza uma resistência ao imposto. Como todo sistema se torna estático e finito por ser fechado e excludente, impondo ao específico a dominação da identidade do genérico, o pensamento sistemático se denuncia como impróprio para um mundo que nega à hegemonia do pensamento.

Neste sentido, para Adorno o pensamento não-sistemático guarda em si um momento utópico, mas válido, já que propõe um mundo não-dominado. Daí o mergulho imanente no individual, a busca de relacionamento sem sistema, a crítica da redução matemática e fenomenológica, a exposição do pensamento na forma de ensaios, a proposição de modelos teóricos e a valorização do estético. A estrutura subjacente à *Dialética Negativa* é intermediada por uma gama de conexões e marcada por uma linguagem peculiar, descrente no poder objetivo da razão. O texto é um apanhado diagnóstico de vários momentos da produção filosófica, abordando autores que tematizaram questões similares sob pontos de vista divergentes.

Vale lembrar que Adorno era ciente de que a relação entre a forma e o conteúdo de uma obra colocava problemas hermenêuticos com os quais era preciso contar em favor da coerência teórica. No aforismo 51 da *Mínima Moralia*, ele ensina:

Primeira medida de precaução do escritor: verificar em cada texto, cada fragmento, cada parágrafo, se o tema central sobressai com nitidez. Quem quer expressar alguma coisa está de tal modo tocado por isso, que se deixa levar sem refletir. A pessoa está próxima demais de sua intenção, 'perdida em seus pensamentos', e esquece-se de dizer o que ela quer dizer (ADORNO, 1993, p.73).

O alerta adorniano servia-lhe de método na exposição de seu próprio pensamento, levando-o a lidar frequência, tanto com as próprias dificuldades do processo criativo, quanto com as críticas externas à forma Ensaio, gênero que defendia e sobre o qual escreveu em 1932, que devia ser marcado pela ousadia da tentativa, um atrevimento que sempre força o pensamento a persistir na busca. No texto *O Ensaio como Forma*, diz Adorno:

Na Alemanha, o ensaio provoca resistência porque evoca aquela liberdade de espírito que, após o fracasso de um Iluminismo cada vez mais morno desde a era leibniziana, até hoje não conseguiu se desenvolver adequadamente, nem mesmo sob as condições de uma liberdade formal, estando sempre disposta a proclamar como sua verdadeira demanda a subordinação a uma instância qualquer. O ensaio, porém, não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. O ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho” (ADORNO, 2003, p. 16-17).

As formulações da experiência de sobre como ler Hegel ou Benjamin são demonstrações das amplas possibilidades do gênero ensaio, que, revelando-se contra sua forma, assemelha-se à arquitetura do Islã, cuja estrutura é aberta a partir de dentro. Levando-se isso em conta, as anotações acima citadas adquirem sentido, pois, verifica-se que o texto adorniano ganha gradativamente precisão, no esforço de apropriação do que extrapola o conceitual com o que se apresenta como falta de pensamento.

Segundo Adorno (2009) o peso das tradições, somado à incapacidade de uma rebelião contra elas, manteve a análise moderna presa a vícios de um pensamento estagnado e inoperante diante dos desafios a que nos sujeita a lógica contemporânea, motivo pelo qual a inauguração de um esquema novo de pensar se faz necessário. Nesses termos, Adorno defende uma *Dialética Negativa* como o pensamento da não identidade, que não se estrutura a partir de um esquema de triplicidade, nos termos da dialética hegeliana (tese, antítese e síntese), e escape da ênfase da síntese.

Aparentemente, a dialética é uma lei do pensamento. No entanto, ela é, na verdade, uma lei real, e nisso reside a sua importância. O mundo se desenvolve dialeticamente, e disso resulta a dor a que a dialética se submete. Cito Adorno:

Quem se submete à disciplina dialética, tem de pagar sem qualquer questionamento um amargo sacrifício em termos de multiplicidade qualitativa da experiência. O empobrecimento da experiência provocado pela dialética, empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito. (ADORNO, 2009, p. 13-14)

Na forma idealista a dialética fazia o sujeito predominar, tornava-o absoluto, como sendo a força que produz negativamente todo movimento do conceito. Isso se dava na doutrina hegeliana e na consciência transcendental kantiana e fichtiana. Disso resultou um pensamento suplantado diante do curso do mundo, com o efeito de renúncia em construí-lo. Nenhuma das reconciliações sustentadas pelo idealismo absoluto mostrou-se válida.

E assim, o mundo que vislumbra possibilidades de uma hegemonia capaz de suplantar o pensamento idealista é justamente o âmbito do não-conceitual do individual e particular, exatamente o âmbito negligenciado por Hegel e pela tradição idealista. Aqui novamente aparece o problema da relação entre forma e conteúdo: “Aquilo”, escreve Adorno “que desde Platão foi alijado como perecível e insignificante e sobre o que Hegel colou a etiqueta da existência pueril.”. (ADORNO, 2009, p. 15). Nas palavras de Adorno, Hegel expressou seu desinteresse pela verdadeira da filosofia, interesse este que apontaria para as qualidades por ela degradadas como contingentes e transformadas em quantidade negligenciável. “Para o conceito”, cito Adorno, “o que se torna urgente é o que não alcança, o que é eliminado pelo seu mecanismo de abstração, o que deixa de ser um mero exemplar do conceito.”. (ADORNO, 2009, p. 15). E assim Adorno pode qualificar um tipo de filosofia contra a qual ele escreve: “a filosofia, mesmo a hegeliana, expõe-se à objeção geral do que, porquanto possui obrigatoriamente conceitos como material, decide-se previamente de maneira idealista.” (ADORNO, 2009, p. 18).

Contudo, é preciso destacar que os conceitos sempre apontam para o não-conceitual, na medida em que são, por sua parte, momentos da realidade que impelem à formação desses mesmos conceitos. É preciso que ocorra um desencantamento do conceito na filosofia. Isso, segundo Adorno, é o antídoto. O conceito impede o supercrescimento, impede que a filosofia se autoabsolutize. “É preciso refuncionalizar”, escreve Adorno, “uma ideia que foi legada pelo idealismo e que foi corrompida por ele mais do que qualquer outra: a ideia do infinito.” (ADORNO, 2009, p. 19)

A filosofia visa à exposição integral ao outro, e não deve cair no usual da ciência, que reduz os fenômenos a um número mínimo de proposições. Assim, a filosofia quer mergulhar em narrativas que abordem o heterogêneo. A despeito das pretensões absolutas dos filósofos idealistas, para os quais não haveria filosofia sem a ideia de *infinito* (a natural tendência da razão, como escrevia Kant), Adorno faz uma crítica à maneira como lidam com essa ideia:

Talvez a palavra ‘infinito’ só tenha passado pelos lábios dos filósofos idealistas com uma facilidade tão fatal porque eles queriam aplacar a dúvida corrosiva quanto à mísera finitude de seu aparato conceitual – mesmo daquele de Hegel, apesar de sua intenção. A filosofia tradicional acredita possuir seu objeto como um objeto infinito e, assim, enquanto filosofia, se torna finita, conclusiva. Uma filosofia transformada precisaria revogar essa petição, não poderia mais enredar a si mesma e aos outros na crença de que teria o infinito à sua disposição. (ADORNO, 2009, p. 19)

Adorno propõe, assim, a revogação dos temas e procedimentos da filosofia tradicional, tornando a filosofia um campo aberto de possibilidades tratáveis, a partir do comando dado pelas próprias criações sociais. A filosofia, em seu modo de ver, deveria comportar-se como esfera crítica de análise dos fenômenos pautados por diferentes tempos e lugares, vivificando clareza quanto aos interesses temporais, sociais e humanos dos grupos. Ainda no lastro da crítica à filosofia tradicional, que

seleciona objetos considerados eternos temas filosóficos, Adorno propõe outra maneira de destacar o aspecto infinito da filosofia:

Ao invés disso, porém, em um sentido atenuado, ela mesma se tornaria infinita na medida em que despreza a possibilidade de fixar-se em um *corpus* de teoremas enumeráveis. Ela teria o seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema de objetos que se lhe impõem ou que ela procura. (ADORNO, 2009, p. 20).

Como vemos, para Adorno, mesmo a filosofia que conseguiu sua forma mais elevada, na figura de Hegel, não pode ser salva. As razões de seu declínio são a pretensão da identidade do ser e do pensamento, pois, se o mundo equivale ao espírito da época, os sentidos compartilhados se esgotariam em formas sublimes, sobre as quais quaisquer considerações seriam impertinentes e despropositadas. Um mundo assim, cheio de significados intocáveis, diz Adorno, sepultaria o espírito negativo e inquieto, que alimentou, ainda que positivamente, a filosofia em todo seu percurso.

A crítica adorniana ao idealismo hegeliano tem apoio na concepção que sustenta a dialética negativa de que a estrutura da contradição, geradora do salto qualitativo de uma etapa a outra no processo dialético, encerra um duplo sentido:

**1) O conceito não é, de maneira nenhuma, a identificação com a coisa.** Pelo contrário, entre o que se diz e o que de fato é, escapam alguns aspectos pelas insuficiências da linguagem, ou da própria consciência que pretende a síntese. Dizendo de outra forma: o que é suprimido no conceito é o que é mais, o que sobra, o que excede, o que não se adequa. A sobra, assim, é excesso, que estende-se a outro objeto, cumprindo o fio de sua natureza ampla, juntando-se a outras coisas, buscando ser delas a expressão mais plena. A natureza enfática do conceito, torna-se, portanto, em contradição, quando inadequadamente, pretende a síntese que não pode ser dada. A contradição, então, encontra-se no conceito e não entre conceitos.

**2) A realidade é plenamente contraditória.** Os modelos, os tipos sociais, as classes com seus interesses divergentes, formam uma sociedade antagônica. Mesmo os fenômenos mais prosaicos, definem-se pela negação de seu contrário: é vida x morte; fartura x miséria; belo x feio; saúde x doença, etc. A sociedade subsiste graças ao que a faz saltar pelo ar, ou seja, as motivações dos indivíduos vem, em grande parte, do desejo de superação das contradições existentes.

Esse caráter duplo anula as pretensões que consideram o conceito como a grande maravilha do universo filosófico. Relacionar o espírito ao conceito, ignorando que entre um e outro existe o antagonismo, é construir o princípio de domínio da natureza, canalizado em direção à identidade, pois, na medida em que consciência e coisa se equivalem, anulam-se as possibilidades de distinção entre sujeito e objeto. A identificação é, assim, denunciada por Adorno como uma ficção arbitrária, contra a qual a dialética rigorosamente se contrapõe.

Adorno lembra que a epistemologia ocidental apresentou historicamente, duas versões da dialética: a idealista e a materialista. Por que agora uma dialética negativa? Em referência às objeções apresentadas à sua obra, Adorno diz enfrentar a acusação de que sua proposta “nega o sal dialético” (ADORNO, 2009, p. 15), que é, no limite, as apostas de que a triplicidade do procedimento dialético inaugure o conceito/síntese/verdade das coisas. A dialética negativa, opondo-se à identidade como triunfo da consciência, adia o glorioso estado do absoluto e pleno saber. Uma outra objeção é provocativa: se toda dialética é negativa, porque chamar uma assim? Adorno estaria cometendo uma tautologia!

### **Dialética Negativa e a lógica do não-idêntico**

Para Adorno existem ares de positividade, por exemplo, na dialética de Hegel, para quem, seguindo a tradição filosófica desde Platão, compreende a dialética como um procedimento que se afirma no positivo do conceito/síntese. O esquema das três etapas hegelianas produz alterações qualitativas dos objetos, segundo a fórmula matemática “menos por menos é mais”. A negação da negação deve ser afirmação. Aí se verifica a positividade, que sai dos objetos para a subjetividade abstrata, instando o sujeito a um estado positivo. Mas para Adorno, a síntese, que resulta da negação da negação, é propriamente a positividade, que embora criticada pelo jovem Hegel, vigora em seu legado de forma clara. A negativa de que exista positividade em seu esquema, não o livra de contaminar-se com o imediatismo.

A filosofia, assim, impõe, segundo Adorno, o constrangimento social de criticar uma subjetividade abstrata, negando, contudo, ao sujeito, meios de se autoprotger da identificação cega com os objetos. Diante disso “o ser-em-si do sujeito”, não é o mais elevado, mas permanece fora dele, de maneira coercitiva, repressiva. A identificação subtrai os traços de particularidade e da individualidade. Adorno lembra que a positividade apregoada nos esquemas da dialética hegeliana opera apenas como fetiche, isto é, não responde ao que foi afirmado, e precisamente por isso, é falsa, isto é, está sujeita à crítica. Esta é uma das razões, e não a última, que levou Adorno à construção da formulação conceitual e terminológica de uma dialética negativa.

O potencial crítico da dialética negativa requer um esforço suplementar, pois também abarca ao materialismo dialético, na medida em que é postulado como uma ciência positiva. Assim, dialética negativa corresponde a uma crítica sem concessão, de tudo o que existe. Trata-se da negação determinada, ou seja, a crítica imanente que confronta o conceito com o seu objeto e vice-versa. A negatividade em si não é boa. O positivo de ser, pretende perenidade. Essa pretensão, é, segundo Adorno, a vaidade do ser que está nas coisas, o que não significa que a dialética, conforme a compreende Hegel, consiga uma transposição dos objetos para a consciência. O abuso narcísico hegeliano merece cuidados e regulação, pela negatividade, que suspende as certezas frente a todas as verdades. O movimento positivo não pode ser pronunciado de modo a colocar-se a si mesmo como chave para todo o entendimento seguro sobre os objetos,

apegando-se ao fixo e à positividade sem levar em conta que ele é apenas um momento do processo de construção do conhecimento, que é feito de etapas, sendo o positivo/fixo, apenas uma delas.

Segundo Adorno, em Hegel a positividade da dialética está na própria premissa da dialética, que supõe que o sujeito é portador de um espírito mediatizador do conhecimento, que suporta o sistema e suas nuances. Por ser positivo, o espírito resiste, enfrenta, nega, define, molda e assegura a identidade dos objetos. As operações mentais desenvolvidas pela dialética, purificam o conceito, excluindo todo o negativo, toda falsidade, antes de configurar-se como identidade da consciência com o objeto.

Essa convicção de Hegel provoca Adorno a tentar responder duas questões mediante o desenvolvimento do pensamento:

**1) Uma dialética negativa é possível?** Isto é, como realizar a determinação da negação sem o estabelecimento do positivo que a acompanha?

A respeito disso, Adorno indaga sobre o que resulta da negação da negação, ao que ele responde: sempre a má positividade, pois o produto, a síntese, merece todas as reservas. Para Adorno, em Hegel a denominada síntese é a expressão da não identidade, configurada aproximadamente com os procedimentos da filosofia empirista, que, após a realização das experiências concretas, negando às contradições, abraça-se ao seu resultado como decisivo dessa operação. A dialética hegeliana, segundo, Adorno, ao validar a síntese como produto final das operações mentais sobre os objetos, formando deles os conceitos finais, mal se distingue das nuances empiristas.

**2) Existe dialética sem um sistema?**

Sobre esta questão, Adorno lança mão da tese de Benjamin para quem, de acordo com o conceito tradicional de filosofia, qualquer filosofia que não seja um sistema deve ser condenada. Chama-se sistema a forma que se quer dar a essa totalidade das explicações sobre o universo, que se impõe a partir de negações de certos outros pensamentos circunscritos em teorias e correntes epistemológicas.

Por essas, entre outras razões, a dialética negativa é a consciência da necessidade de modificação da epistemologia tradicional. Uma vez acompanhada pela forma negativa de pensar filosoficamente, ela se comporta, a um só tempo, como busca da verdade e como resistência aos modos tradicionais de fazer filosofia. Assim sendo, em vez de uma busca com intenções conclusivas na forma conceito, o pensamento deve se comportar negativamente, transformando a força do sistema em crítica do particular. Essa crítica, alerta Adorno, deve se realizar em um duplo sentido: crítica do conceito e crítica da coisa. Ora, essa perspectiva denota, em si, os critérios da forma especulativa, que deve entender o conceito como linguagem, discurso, e, por isso deve ser cotejado com às demais definições apresentadas por outros pensadores, sobre o mesmo objeto. No que diz respeito à crítica da coisa, esta corresponde à ideia de que ela, embora dona de uma natureza identitária, pode revelar, com seu conceito – que lhe

é exterior, já que produzido por um outro - o menos ou o mais de si próprio, podendo evidenciar novos sentidos em cada tempo e lugar.

Os desenvolvimentos da dialética ao longo da história demonstram uma tendência viciante de transformar pensamento em sistema. O fazer filosófico tem se definido como a análise da obra dos diferentes pensadores, esquadrihando-as em esquemas ou sistemas. Essa lógica organizativa dos pensamentos consome os próprios sistemas. Contudo, segundo Adorno, a força liberada na fuga do particular é o que animou os sistemas no passado. Isso quer dizer que, na medida em que os conceitos, ideias, definições apresentados pelos diferentes pensadores não circunscrevem as finalizações sobre os temas abordados, dão margem para novas buscas, novos posicionamentos, novas investigações, e, assim, mantém-se vivo o fenômeno da inquietude, que é a força motriz da filosofia. A substância e resistência do pensamento filosófico advêm da medida do não idêntico, pois o conceito nunca é a expressão final de um objeto, dando margem ao pensamento que prossegue vigoroso e vivo, em seu itinerário de busca e apreensão da verdade.

### **Considerações Finais**

A questão que encaminha a proposição adorniana de uma dialética negativa, tem a ver com uma marca anterior do pensamento filosófico, que a conhecida dicotomia entre teoria e prática. Esta temática teve lugar no trabalho de Adorno, num momento específico do itinerário de discussão sobre a *Dialética Negativa*. Em um curso sobre a obra homônima, no inverno de 1965, em Berlin, Adorno dedicou-se a debater sobre a famosa 11<sup>a</sup> tese sobre Feuerbach, que é, geralmente, interpretada como necessidade de eliminação da dicotomia teoria x prática do fazer filosófico. Adorno discorda dessa interpretação, dizendo que não é apropriado pensar que a filosofia seria deixada para trás depois do aspecto de sua realização. A filosofia é, conforme entende, mais do que um conjunto de indicativos para a vida prática. Na própria dinâmica da vida imediata, a filosofia é o ponto de inflexão em direção às respostas que a sociedade almeja. Não é possível que a filosofia apresente diretrizes para uma vida prática, supondo que o norte definido seja seguido, sem o acompanhamento crítico, reflexivo e, principalmente, negativo, em relação às definições previamente construídas. Por outro lado, o modo de organização das forças produtivas, por si mesmo, favorece ou nega a abertura para o exercício vivo da dialética negativa. Em contextos democráticos, o pensamento, livre de amarras, ousa provocações de cunho negativo, debruçando-se sobre os conceitos e extraindo deles, o que podem, ainda, fornecer, enquanto identidade.

Adorno considera a práxis como o território, não apenas dos fazeres, mas também do pensamento, um momento da transição, das mudanças por vir. De fato, é no seio da sociedade e das vivências objetivas que as construções sobre as mudanças necessárias se dão, puxadas pelo pensamento, que ganha força, quanto mais se exerce, autonomamente, seu poder de crítica. Dessa maneira, não é possível, para Adorno,

adiar-se infinitamente o momento da práxis, e também, do pensamento filosófico que lhe lança luz. Há uma urgência prática da reflexão que se interesse pela produção de saídas para a sociedade e, exatamente por isso, interogue também por que a filosofia tem adiado tanto esse processo. Cabe a filosofia enfrentar a autocrítica, repensando sua demanda por identidade naufragou.

Agindo assim, a filosofia se faz possível, por meio da dialética negativa. Seu pressuposto básico é a construção dos conceitos não-pedantes, sem pretensão de universalidade, mas abertos a possibilidade de revisão, por meio da negação. Esta é a forma suprema da filosofia, na medida em se realiza como tentativa de tomar em si o não-conceitual, o heterogêneo da filosofia em si mesma, de estender, portanto, a filosofia ao essencial, que ela oculta em sua forma tradicional e afirmativa. O pensamento é remetido para a filosofia, imiscuindo-se nas suas formas manifestas, que instituem uma tradição epistemológica cujas pretensões são a universalidade, o definitivo, o positivo como última etapa da inquietação do pensamento.

A tese de que a filosofia especula, mas não transforma o mundo, merece uma outra consideração: as transformações pelas quais o mundo passou, no sentido dos acréscimos culturais e das realizações humanas, não é somente resultado das interpretações filosóficas, como deseja o pensamento político. Aliás, diz Adorno, o mundo foi interpretado muito pouco. Se a humanidade estivesse a esperar que o pensamento filosófico se transpusesse para a prática, para daí modificar as estruturas do mundo e adaptá-lo às necessidades humanas, muito provavelmente ainda estaríamos em estágios muito atrasados do desenvolvimento histórico. Mesmo a dialética tradicional, das três etapas hegelianas, não se realiza de uma forma universal, para todas as pessoas, mas apenas para aquelas que se inquietam diante do *isto é*, e por isso, progridem em interesse e disciplina para as demais etapas, quais sejam, a da negação e da síntese. Historicamente os feitos e realizações humanas são pautados mais pela necessidade de sobrevivência e auto-proteção, do que pelas matrizes de um pensamento elaborado filosoficamente.

## Referências

ADORNO, Theodor. "Ensaio como Forma", In: **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. M. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor. **Minima morália: reflexões a partir da vida danificada**. Tradução: Luiz Educaro Bica. São Paulo: Ática, 1993.

DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling**. Lisboa: imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

*Recebido em: 08 de jun. 2020*

*Aceito em: 17 de ago. 2020*